

Afonso Romano de Sant'Anna

Alinhavando tramas e urdiduras

1. Aquela janela ali é onde, dizem, a freira Mariana Alconforado se punha suspirante e pesarosa esperando pelo retorno do nobre francês que a seduzira. Isto foi em mil seiscentos e pouco. Agora enquanto a contemplo aqui em Beja, sul de Portugal, junto a esse bar ao ar livre, minha reverência se vê trespassada pela música do grupo Tchan, aquela que fala de Alá, Ali, cobra, deserto e bundinha. E eu olhando a janela da freira, lembrando das belas e torturadas cartas de amor que enviou ao sedutor e imaginando-a debruçada naquele balcão, sob aquelas bíforas, ouvindo essa serenata profana soar nos seus santos e eróticos ouvidos.

Enlaces. Desenlaces. O ontem. O hoje. A intemporal sexualidade de santos e pecadores.

2. Sabem aquele prédio dos três arcos góticos na praça principal de Viana de Castelo?

Um hippie crioulo meio rastafari, com seu violão, acaba de se instalar junto à parede e começa a cantar «*olha que coisa mais linda, mais cheia de graça*». Esta cidade é do século XV. O músico veio de Moçambique e tem uma namoradinha branca, bonitinha, cara de americana transviada da Califórnia, que aciona uns mamulengos enquanto seu companheiro ataca a bossa nova diante do único edifício renascentista de Portugal, aquele com arcadas apoiadas sobre cariátides.

Enlaces. Desenlaces. O ontem. O hoje. A busca da desafinada harmonia no encordamento da história.

3. Agora você está comigo em Évora.

É noite. E na Pousada dos Loios, antigo convento, acabou de abrir a porta de vidro que dá para a praça principal e um deslumbramento preenche seus olhos. As iluminadas colunas do templo romano dedicado à Diana erguem-se na noite, e somos lançados da Idade Média ao tempo dos césaes. Não são legiões romanas que, no entanto, cruzam a praça, são turistas

que pervagam ao redor e escalam as pedras do templo.

De repente, vindo dos tubos invisíveis do tempo, irrompe a Tocata e fuga em ré maior de Bach envolvendo toda a praça. Um grupo de artistas experimentais está fazendo uma performance. Uma daquelas coisas geniais e bobas. Mas tenho que lhes agradecer pela música. E o arquiteto do templo não sabia que estava

Templo de Diana, Évora.
Fotografia de Pedro Ferreira.



fazendo uma «instalação» para o século XXI Construções. Desconstruções. O ontem. O hoje. A intemporal fuga e contraponto de estilos e modernidades.

4. São quatro da tarde em Guimarães neste 5 de agosto de 2000 e vai começar o Cortejo do Linho. A população debruçada nas janelas e portas. Visitantes e curiosos postados às margens das ruas. Vai começar um dos predecessores do nosso desfile de escolas de samba. Participam sete grupos folclóricos com nome tipo Rancho Folclórico de S. Cipriano de Tabuadelo e Rancho Folclórico e Etnográfico de Lordelo, etc.

A estrutura de nossas escolas de samba é, inconscientemente, anterior à Tia Ciata na Praça Onze. Nasceu até antes dos gregos. Neste cortejo que se desdobra aos olhos de minha câmera vão sendo narrados «os trabalhos do linho», ou seja, as 13 etapas por que passa o linho até que chegue ao nosso corpo. À nossa cama e nossa mesa.

Portanto, usemos o linho com mais respeito. Ele carece de um ritual.

Lá vem o primeiro carro dramatizando a semeadura na primavera, primeiro com o arado, depois com a enxada.

Lá vem o segundo carro mostrando como é arrancada a haste amarelada.

Lá vem o terceiro carro mostrando o que é «ripar»: o separar a semente do caule. Ali o linho vai passando pelos dentes do ripeiro de forma a tirar-lhe a baganha.

Lá vem o quarto carro exibindo o que é «enriar», quando as «manadas» de linho já ripado são apertadas em molhos e levadas ao rio, por oito dias, para a curtimenta.

Lá vem o quinto carro explicando o que é o «secar» durante 15 dias em bouças onde há vegetação rasteira.

Lá vem o sexto carro explicando o que é o «malhar», e o sétimo o que é o «macerar», e o oitavo com o «espadelar», o nono com «assedar»,

o décimo com o «fiar», o próximo com o «barrelar», o outro com «dobar e tecer» até o décimo-terceiro com o Carro Caixa de Bragal, onde, finalmente, se guarda o linho.

Com trajes típicos, mulheres gordas e operosas, crianças e lavradores, seguidos de rancentes carros de bois enfeitados, dançando e cantando história afora, história a dentro.

O ontem e o hoje. Tramas e urdiduras. Assim se faz o linho. Assim se faz a história.

Levi-Strauss escreveu aquele «O cru e o cozido» tentando mostrar que a passagem da comida crua à comida cozida, passando pela defumada, demandou milhares de anos. Já nem me lembro se ele fala ou se alguém já estudou, mas carecia escrever agora «O nu e o vestido». Essa passagem da nudez primitiva à vestimenta ritual, pois desde os egípcios, ou mesmo antes, as múmias, as roupas dos sacerdotes e os objetos sagrados já eram cobertos de linho.

Veste ritual e mística, na antiguidade, o linho era preparado com hidromel, mirra e vinho. E agora estou aqui em Guimarães, berço de Portugal, vendo essa «escola de samba», onde não há alegoria, pois a coisa é a própria coisa, em miniatura. Aqueles lavradores vieram do campo mesmo, esses são os bois do trabalho, esses cantos, essas danças são as danças e cantos laboriais.

Marx nisto tinha razão: ah! se não nos alienássemos tanto dos nossos objetos. Se soubéssemos fabricá-los com nossas mãos, tê-los como extensão de nosso saber, de nosso corpo. Ao contrário, nossa cultura só intensifica a alienação, a separação do sujeito e do objeto.

Olho respeitosamente o desfile e milenarmente olho o linho e vou alinhavando a crônica. Entre outras coisas, aqui vim para um seminário sobre «enlaces» e «desenlaces» da cultura luso-brasileira. O drama atravessando nossas carnes.

A trama atravessando transversalmente o tecido tempo, serpenteando pela longitudinal urdidura dos fatos. Assim são as viagens. Assim a maneira de escrever, reescrever o que se inscreve em nós.

A trama. A urdidura. O ontem. O hoje. O entrelaçamento da história e das culturas.

Em Arrábida, à beira da história

Aqui estou no Convento de Arrábida erguido por frades franciscanos em 1542. As paredes brancas se destacam no verde da mata em torno e, lá em baixo, rebrilha o azul oceano. Estou a uns 40 minutos de Lisboa e do século vinte. Para aqui vim não exatamente para purgar pecados, senão para participar de um seminário organizado por Gilda Santos, onde portugueses e brasileiros tentarão entender os «enlaces e desenlaces» que atam e desatam Portugal e Brasil há 500 anos.

Pareceu-me que uma boa forma de comemorar os infaustos 500 anos do Brasil era adentrar-me por Portugal em busca de um controvertido espelho histórico. Se você quiser vir comigo, começaremos por Guimarães, onde em 1139 Afonso Henrique instituiu este país. Daí iremos a Bom Jesus, em Braga, a subir-descer pelos labirintos da Escada dos Cinco Sentidos; depois peregrinar por Viana do Castelo; a seguir, entrar na deslumbrante biblioteca de D. João V, em Coimbra; pisar no mosteiro da Batalha onde se celebra a vitória dos portugueses em Aljubarrota, ou então, ficar em contemplação daquela

manuelina e barroca janela do Convento de Cristo, em Tomar; e em Alcobaça poderemos aguardar a eternidade até que Inês de Castro e D. Pedro se levantem do mármore e se reencontrem amorosamente. Assim, de pousada em pousada, arribaremos às muralhas de Ourém, à cidadela de Marvão, a Évora, Estremoz, Beja, e onde quer que haja um castelo e uma muralha aguardaremos os mouros ou celebraremos as disseminadas ruínas romanas. E para um repasto podemos nos deitar sob oliveiras e vinhedos que há séculos nos esperam.

Mas agora estamos em Arrábida. E no convento propriamente dito visitamos as minúsculas celas onde os frades enfrentavam o inverno e prelibavam a eternidade. Agora, no entanto, é verão e um vento agita as folhas dos eucaliptos, plátanos e choupos. Lá na capela do conventinho, por alguns dias, nos reunimos, portugueses e brasileiros, a trançar e destrançar os laços de nossas culturas.

Eduardo Lourenço, no primeiro dia, dá o tom: «*o Brasil não é uma questão, um problema que os portugueses se ponham. Temos, sim, uma questão conosco a propósito do Brasil*». Bela maneira de começar um diálogo. Ficaram para trás aquelas querelas mesquinhas que, certa vez, vi num encontro de brasileiros e portugueses em Columbia e Harvard. Estamos amadurecendo. Por isto, nesta questão de identidades, apartando, lembro que quando os espanhóis chegaram à costa do México cometeram um ilustrativo equívoco. Perguntaram aos índios: «Que país é este?». E os nativos responderam: «Yucatan». Então, os europeus pensaram que esse era o nome do lugar, quando na verdade, o que soava como Yucatan era uma frase cujo sentido era: «*Nós não vos entendemos*».

De um equívoco linguístico e antropológico nasceu o não-diálogo entre dois continentes. Mas as coisas estão mudando e Carlos Reis fala da «dupla alteridade» que ocorre quando Eça, na



Fachada do mosteiro da Batalha.
Fotografia de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra.

pele de Fradique Mendes, critica o Brasil. E Maria Alzira Seixo analisa a peça de Maria Velho da Costa — *Madame* —, encenada pela nossa Eva Vilma e pela atriz lusa Eunice Munhoz, onde surgem duas figuras emblemáticas de nossas culturas: Capitu e Maria Eduarda. A primeira é de Machado, a segunda está em *Os Maias* de Eça de Queirós. Com efeito, as duas «pecadoras», naquela peça, mantêm um diálogo imaginário na Suíça e França, num exílio moral a que os homens as condenaram.

Quando Luis Filipe Castro Mendes trata ironicamente da «infelicidade de ser ibérico» e da «desgraça de ser português», vem-me à mente o poema «Sobre a atual vergonha de ser brasi-

leiro». E muito mais vai se falando. Com Gilberto Velho analisando sociedades complexas e Joaquim de Brito assinalando como a música popular brasileira foi importante em sua formação. É sempre bom ouvir o suave saber de Cleonice Berardineli e de um gramático como Ivo Castro. Já Evanildo Bechara faz uma bem-humorada palestra sobre as discutíveis regras do uso do hífen e do apóstrofe em nossa língua. Afonso Marques de Souza revela os projetos imperiais conjuntos de Brasil e Portugal. Helder Macedo — esse moçambicano que reside em Londres — é homenageado por Teresa Cristina Cerdeira e Maria de Santa Cruz e lembrando o verso de Pessoa «o meu jardim é o do vizinho»

afirma corajosamente que «temos o direito de escolher nossa cultura». A seguir, faz uma afirmativa desestabilizadora: o historiador Oliveira Martins é, na verdade, o maior romancista português do século XIX. Do historiador Sérgio Campos Matos aprendo que a nossa proclamação da república ajudou o movimento republicano no Porto em 1891, e com Antônio Costa Pinto anoto que em 1900, ano em que morreu Eça de Queirós, Portugal tinha 80% de analfabetos. Ana Hatherly, enfim, especialista em Barroco, faz uma saborosa análise de como diversos autores se deliciam estilisticamente descrevendo as frutas do Brasil.

As culturas luso-afro-brasileiras têm mais em comum do que supõem os circunstanciais governos. E um país se conhece além dos livros que o traduzem. Por isto, com Ana Filgueiras saímos a passear pela Vila Fresca do Azeitão onde o queijo, o vinho e o mel são notáveis e nos espera a bela Quinta da Bacalhoa erguida em 1480. Ali adiante está Palmela com seu ostensivo castelo e ótimo vinho, mais adiante Setúbal onde nasceu o satírico Bocage.

Tomemos, no entanto, a estrada e cortemos o país para o norte e pousemos em Guimarães, berço da nacionalidade lusa. Foi aí que o D. Henrique começou a gerar esse país e foi aí, descubro, olhando uma casa na praça principal onde por algum tempo residiu outro Salazar, o Abel e não o ditador que pensou em levar para lá a capital do país. Chegar em Guimarães nas Festas Gualterianas (em homenagem a S. Gualter) é uma sorte só. Na praça principal canteiros de flores exibem a data 1139 e cartazes anunciam que «mil anos gloriosos se passaram» na história da cidade.

Vamos para a Pousada de Santa Marinha, um fabuloso mosteiro que vem do século IX. O canto-chão soa no claustro onde jorra uma fonte ornada de golfinhos. Salões grandiosos e austeros, azulejos magníficos, infinito corredor de

onde saem as «celas» ou aposentos dos santos hóspedes. Num pomar imenso, douradas laranjas refletem a tarde. Bate o sino. A noite custa a vir no verão. E no colina em frente iluminam-se as pedras do Castelo de São Miguel. Tudo é história. Tudo é comoção.

Viajando e, sem querer, comparando

Andei declarando por-aí, alto e bom som, e até já escrevi e assinei em baixo, que estou trocando o futuro improvável do Brasil pelo passado certo e glorioso de Portugal. E mais: tolhido aqui em minha cidadania, tenho dito em bom som e alto, que deveríamos aproveitar aquelas comemorações dos 500 anos e pedir desculpas pela independência, implorando para sermos de novo anexados, agora, ao Mercado Comum Europeu, via Lisboa.

Enlouqueci? Claro que estou sendo irônico, primeiro comigo mesmo, que sou o primeiro que sofre ao dizer isto. Mas a ironia funciona como merthiolate para quem hoje vai às terras lusas e cai nas inevitáveis comparações. Imaginem que estamparam lá nos jornais uma enquete sobre violência e chegaram à estarrecedora constatação de que 5% dos portugueses já sofreram algum assalto ou forma de violência.

Sem comentários. Ou, comentando: aqui, acho que só 5% ainda não foram assaltados ou algo que o valha. O fato é que lá andei tranquilo o tempo todo. Por exemplo, um pique-nique na beira da estrada, ali perto de Batalha. Italianos,

espanhóis e nós mesmos, abríamos o farnel... e ninguém vinha pedir esmolas, ninguém vinha nos assaltar, ninguém nos ameaçava com estupro. Já havíamos, em Lisboa, ficado ao entardecer, ora sentados, ora deitados num daqueles bancos do jardim diante do Mosteiro dos Jerônimos e andando alta noite pelo Chiado. Tranquilidade absoluta. Igualmente, às onze horas da noite, no silêncio luminoso em torno do castelo de Ourem. O rádio do carro sintonizado na Antena 2 tocando músicas renascentistas e um locutor dizendo como o ano 1000 de nossa era foi uma encruzilhada na história, com a generalização das catedrais, dos sinos, dos relógios, dos incunábulos. Um casal ou outro passeando entre as ruínas em plena noite de verão. Nenhuma suspeita. Nenhum sobressalto.

Outra coisa chama a atenção. As estradas bem-cuidadíssimas. Dizem que isto se deve à entrada de Portugal para o Mercado Comum Europeu. Então, retomo aquela tese inicial: aceitem-nos de volta, deixem-nos entrar nesse mercado. (Escrevo isto um dia depois de, de novo, ter usado uma de nossas rodovias e ter tido, uma vez mais, que adivinhar onde está a estrada e onde começa o mato, e rezar para o carro não atropelar um cavalo ou cair num buraco.) Ao contrário, lá em terras lusas, as estradas principais ou não, têm, como se aconselha, as margens arborizadas. Viaja-se num jardim permanente. Como, aliás, em qualquer país decente.

Outra diferença. Não há essa poluição visual de anúncios. E neste aspecto, dou-me conta, de repente, que há dias não via anúncio com mulher pelada me chamando para sacanagens comerciais. Nem mulher nua nem homem nu como na novela das sete. Por favor, não me digam que os brasileiros é que inventaram o sexo e que todas as demais culturas são eroticamente frias, pois algum estrangeiro poderá responder que tanto anúncio erotizante por aqui pode ser sinônimo de que o brasileiro só pode

decodificar mensagens no nível do instinto e não da inteligência.

Estamos indo de carro do Sul para Norte, do Leste para o Oeste e, de repente, dou-me conta de outra diferença. Nas vitrinas, nos posto de gasolina, nos anúncios públicos não há palavras em inglês. Eu já havia esquecido como era viver numa cultura onde a língua fosse a portuguesa. Vivemos infestados, cercados, oprimidos, obnubilados com desnecessárias expressões em inglês. E foi preciso ir a Portugal para me sentir, de novo, brasileiro e não um residente de Miami. Não, não estou fazendo nenhuma campanha xenófoba, não estou me excluindo burramente da globalização, vejam lá, Portugal entrou no Mercado Comum Europeu, teve que assumir uma série de normas, e nem por isto transformou-se numa babel de letrados comerciais. Estou convencido que o pandemônio linguístico-comercial que aqui se estabeleceu tem raízes na incultura, no iletrismo e na macaquice pós-moderna.

E vai, num certo dia, quis comprar qualquer coisa numa farmácia. Cadê a farmácia. Meus irmãos em Pedro Álvares Cabral, vou lhes dizer uma coisa: farmácia é uma invenção ou mania brasileira. Você sai do Brasil e custa a achar uma. E quando acha, realmente é uma farmácia, com farmacêutico e tudo. Lembra-me sempre meu falecido sogro italiano dizendo que o Brasil parecia um país onde duas coisas se revezavam, farmácia e botequim, botequim e farmácia.

Outra coisa deixa perplexo o brasileiro que há mais de vinte anos vê sua economia estagnada: há uma espantosa febre de construções em Portugal. Será que todos os seus emigrados voltaram? Será que é para todos os brasileiros desempregados? Para todos os africanos despaissados? Quem vai morar em tantos edifícios novos e continuamente edificadas em todas as partes por onde se passa? Será que o país passou de 10 para 20 milhões de habitantes?

Estátua de D. Afonso Henriques junto ao castelo de Guimarães. Fotografia de Pedro Ferreira.



Claro que todo mundo que viaja faz comparações entre sua terra e a outra. Até aí, nada de mais. Mas o que não pode, o que constrange é atravessarmos a fronteira para Espanha, ir, por exemplo, a Valencia de Alcântara e depararmos com a Calle Hernán Cortés arborizada com laranjeiras cobertas do amarelo fruto. Laranjeiras douradinhas e ninguém roubando ou depredando as árvores. Ao contrário, numa

janela vi uma laranja, que tendo caído naturalmente, alguém ali depositou para manter a rua limpa.

E eu que pensava ao iniciar essa crônica dizer apenas das coisas agradáveis, sem cair em masoquismos! Quem sabe ainda tento e consigo? Talvez volte com uma série de cartões postais, mais amenos, num felicidade alienada, da qual andamos todos carecendo urgentemente.